

# GAZETA DO POVO



UM ARTIGO CENSURADO

*Autor: Flávio Gordon*

# PREFÁCIO

*POR ERNESTO ARAÚJO | ABRIL DE 2022*

*Assim como o debate mundial sobre todos os temas da vida humana tende a ver-se dominado pelas categorias do “politicamente correto”, assim também o debate no Brasil sobre a temática internacional sujeita-se há muitos anos à disciplina do que poderíamos chamar o “diplomaticamente correto”.*

*Nesse quadro interpretativo, com suas caracterizações mandatórias e seus chavões facilmente aplicáveis a qualquer situação da realidade, ao fenômeno do globalismo não se admite nenhuma designação senão a de “teoria da conspiração”.*

*Lembro-me a propósito de um debate de que participei no IPRI/FUNAG, em 2017, sobre a política comercial do então Presidente Donald Trump, no qual argumentei que, desde os anos 60, a esquerda americana penetrou o Partido Democrata e levou o país, a partir dos anos 90, a implementar uma política econômica e comercial que contribuiu para desestruturar a sociedade americana, ao romper sua espinha dorsal, a indústria manufatureira, apontando que um dos aspectos do globalismo consistia justamente no programa de desagregar*



*o tecido social nos países do Ocidente e assim torná-los permeáveis a uma agenda progressista de raiz marxista. Observei que a política de reindustrialização promovida por Trump visava justamente a recuperar a solidez social dos EUA com base numa noção saudável de nação. Na convergência entre a globalização capitalista e o avanço da pauta da engenharia social marxista identificava eu, ali, a essência do globalismo, e no movimento de Trump uma reação contra semelhante projeto. Ao final, um professor de Relações Internacionais argentino-brasileiro presente na plateia começou a exclamar, com leve sotaque: “Conspiraçom, conspiraçom!”, dizendo-se muito “assustado” com minha exposição. Os outros diplomatas na mesa me olhavam com cara incrédula. Mas, no fundo da plateia, um estudante de REL levantou a mão e disse, colocando as mãos na cabeça em um gesto de “eureka”: “Eu nunca tinha pensado nisso!” Minha fala – baseada em fatos, números e dados – havia espetado a bolha do diplomaticamente correto e, ante a desaprovação geral, encontrado pelo menos uma mente aberta capaz de rever seus conceitos e iniciar, quem sabe, uma investigação que a levaria a conclusões talvez diferentes das minhas, possivelmente melhores e mais sólidas, mas certamente*

*diferentes do reflexo condicionado do establishment, em cuja enciclopédia, aparentada à Grande Enciclopédia Soviética, o vocábulo “Globalismo” é definido apenas como “Conspiração! Conspiração!”*

*A partir dessa experiência, entre outras, uma vez no cargo de Ministro das Relações Exteriores, solicitei à FUNAG que preparasse um seminário sobre globalismo, em 2019, e mais adiante uma série de debates virtuais sobre a mesma temática, em 2020, reunindo pesquisadores e estudiosos de diferentes aspectos desse fenômeno. Durante minha gestão no MRE, o Itamaraty não aninhou-se dentro da bolha confortável do diplomaticamente correto, não se limitou a produzir suplementos à Grande Enciclopédia do establishment. Pensadores que pensam e não apenas repetem, e estudiosos que estudam e não apenas copiam encontraram ali espaço para discutir e apresentar essas entidades que o globalismo tanto odeia e tanto teme: ideias. Sobretudo ideias sobre o próprio globalismo.*

*Entre as muitas contribuições brilhantes a esses eventos, destaca-se a de Flávio Gordon, adaptada e expandida na forma do texto que o leitor agora tem em mãos. Flávio demonstra, com profunda análise de documentos, que o globalismo existe, na forma de planos de*



*dominação mundial que circulam há muitas décadas, e que o globalismo avança, mediante a implementação desses programas.*

*Neste trabalho, desde já uma referência para o estudo do globalismo no Brasil, aparece claramente configurado e descrito o projeto de uma fusão do capitalismo com o socialismo e do estabelecimento de uma ordem global na qual os poderes nacionais dão lugar ao poder multilateral e transnacional de organismos internacionais, multibilionários e outras entidades comprometidos com a criação de uma sociedade de controle em todo o mundo.*

*O trânsito do comunismo explicitamente marxista-leninista para uma nova forma do mesmo projeto – o politicamente correto – também aponta nas páginas deste magnífico trabalho. “As formulações clássicas sobre a ditadura do proletariado” diz Flávio Gordon “(...) começam a ser abandonadas [a partir dos anos 80] em favor de discursos genéricos sobre o bem comum, a segurança de toda a humanidade, a defesa do clima, a saúde pública, etc.” Aqui reside algo absolutamente crucial, que o establishment não entende e não quer entender: o comunismo, desde sempre, é um movimento em permanente metamorfose, que muda de figura de acordo com as circunstâncias, sem abandonar*

*seu projeto de dominação mundial com a destruição das nações e o controle integral de todos os seres humanos (a “emancipação” no linguajar cínico dos marxistas). O globalismo, como venho dizendo, é o comunismo do Século XXI. O “fim do comunismo” com a queda do muro de Berlim em 1989 e a dissolução da URSS em 1991 correspondeu simplesmente a uma nova etapa daquela metamorfose, inaugurando um período onde a ilusão do fim do comunismo passou a servir, justamente, como um dos instrumentos fundamentais para a consolidação da nova etapa do projeto, sob a forma do globalismo. É o que nos mostra Flávio Gordon, com ampla pesquisa que o leva a conclusões claríssimas (e surpreendentes para muitos): “o processo ocorrido na URSS e no Leste Europeu em fins dos anos 1980 deve ser mais bem compreendido como uma espécie de implosão controlada, arquitetada por grandes estrategistas políticos”; “o abandono do comunismo ortodoxo em favor das pautas globalistas era, portanto, parte essencial do plano de desfazer a tradicional ‘imagem do inimigo’”.*

*Desde Lênin – demonstra Flávio – o comunismo se vale de métodos “que não parecem intrinsecamente socialistas” (palavras de Gorbachev na Perestroika) para perseguir seu objetivo último e conquistar o*



*poder. Não são outra coisa senão alguns desses “métodos que não parecem intrinsecamente socialistas” os instrumentos da agenda globalista que vemos hoje empregados para a conquista de poder: por exemplo as respostas liberticidas à pandemia da Covid, desestruturando as sociedades democráticas, e o plano do Great Reset do Fórum Econômico Mundial que prega um mundo sem soberania nacional e sem propriedade privada.*

*O projeto marxista-leninista está vivo e próspero, eis a inevitável conclusão que tiramos ao ler o trabalho de Flávio Gordon. Surge, para dominar-nos, “uma mentalidade global uniforme (o ‘consenso’, a ‘ciência’, o ‘bem comum’)... com a China na vanguarda”.*

*Eis aqui uma das melhores e mais bem fundamentadas caracterizações do globalismo que conheço.*

*Espero que o leitor, ao cabo de uma ou várias leituras do texto de Flávio Gordon, tenha a reação do aluno que assistia à minha exposição em 2017: a percepção de estar diante de algo real, profundo e ameaçador, o projeto globalista, e adquira uma consciência da existência concreta e dos avanços desse programa, que lhe permitirão escapar à bolha mental do politicamente correto (ou do diplomaticamente correto, no caso de meus*

*colegas do Itamaraty, a quem espero possa chegar este texto, o qual infelizmente a “nova” FUNAG recusou-se a publicar, provavelmente preocupada em não perturbar o inocente sono intelectual em que o establishment prefere manter os diplomatas brasileiros). Alguns talvez responderão, entretanto, com a atitude daquele professor de Relações Internacionais: “Conspiração! Conspiração”. A bolha é confortável. Mas se não perfurarmos essa bolha, se não acordarmos para a realidade de um mundo onde o totalitarismo avança e a liberdade recua, estaremos condenados a viver uma distopia onde não adiantará mais fechar os olhos nem gritar impropérios contra aqueles que os têm abertos.*



# INTRODUÇÃO

*O e-book que o leitor tem em mãos reúne uma série de sete artigos publicados na Gazeta, entre outubro e dezembro de 2021, com o título “Um artigo censurado sobre comunismo e globalismo”. A história de como ele veio à luz, contada a seguir, é representativa do atual contexto, brasileiro e mundial, de agressão generalizada às liberdades individuais mais elementares numa democracia, notadamente a liberdade de expressão.*

*O texto integral consiste na adaptação para a forma escrita da conferência virtual que, em 28 de julho de 2020, proferi na Fundação Alexandre Gusmão (Funag), abordando os laços históricos e políticos entre o comunismo e aquilo que se convencionou chamar de globalismo. Por sua vez, a conferência explorava tópicos correlatos mas não incluídos em outra série anterior sobre o tema, também publicados na Gazeta com o título “Globalismo e Comunismo”.*

*Dado o sucesso da conferência junto à audiência (foi o vídeo mais visto do canal da Fundação), fui consultado pelo então presidente da Funag, o diplomata Roberto Goidanich, sobre a permissão para que minha*

*fala fosse transcrita e publicada no 9º número dos Cadernos de Política Exterior do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (Ipri) da fundação. Obviamente, autorizei a transcrição, e empenhei-me junto a Goidanich e demais membros do staff em adaptá-la para a forma escrita, segundo os parâmetros acadêmicos da publicação. Para tanto, as referências bibliográficas foram devidamente ajustadas, bem como acrescidas mais um punhado delas.*

*Entre revisões cuidadosas e adaptações, o processo estendeu-se até mais ou menos abril de 2021. Com o artigo finalmente pronto para publicação, ficaram restando apenas uns poucos trâmites burocráticos, logo resolvidos em meados de junho. Nesse meio tempo, contudo, ocorrera um evento decisivo na pasta das Relações Exteriores, cujos efeitos indiretos repercutiriam sobre o destino do artigo: a renúncia de Ernesto Araújo ao comando do Itamaraty.*

*Com a mudança na chancelaria, não demorou muito para Goidanich – que vinha tentando pluralizar o debate dentro da fundação – ser exonerado da presidência da Funag. Nesse novo contexto, o destino do artigo, apesar do cuidadoso preparo editorial, acabou sendo o de mofar solenemente dentro de uma gaveta no escritório de algum burocrata.*



*Também pudera! Os novos comandantes do Itamaraty e da Funag, membros da plumosa família do alto tucanato, eram de algum modo personagens do artigo. Entusiastas eles próprios do totalitarismo globalista – que, obviamente, ocultam do público sob a pecha de “teoria da conspiração” –, compreende-se que não vissem com bons olhos a publicação de um texto no qual fossem expostas as raízes de sua própria cosmovisão elitista, centralizadora e antidemocrática, produto que pretendem vender sob rótulos pseudo-humanitários.*

*Mas, para a infelicidade desses censores “do bem”, elegantes neoestalinistas em ternos bem cortados, um texto pronto sempre acaba achando o caminho da publicação. E, graças ao empenho da equipe da Gazeta, os leitores deste e-book têm agora acesso integral ao artigo censurado.*

*Boa leitura!*

# ÍNDICE



## **CAPÍTULO 1**

**A SIMBIOSE ENTRE O GRANDE CAPITAL E O PROJETO SOCIALISTA**



## **CAPÍTULO 2**

**A FUSÃO ENTRE EUA E UNIÃO SOVIÉTICA**



## **CAPÍTULO 3**

**UM MUNDO CONTROLADO PELA ONU**



## **CAPÍTULO 4**

**A FANTASIA TRIUNFALISTA SOBRE O FIM DO COMUNISMO**



## **CAPÍTULO 5**

**A PAUTA GLOBALISTA E A DESTRUIÇÃO DA IMAGEM DO INIMIGO**



## **CAPÍTULO 6**

**GORBACHEV E O SONHO DA UNIFICAÇÃO EUROPEIA**



## **CAPÍTULO 7**

**COVID-19 E A ASCENSÃO HISTÓRIA DOS GLOBALISTAS**



# Capítulo 1



## A SIMBIOSE ENTRE O GRANDE CAPITAL E **O PROJETO SOCIALISTA**



voltar para  
o índice

*“You’ll own nothing. And you’ll be happy”*

(sugestão do Fórum Econômico Mundial para o mundo em 2030)

No Brasil de hoje, qualquer sugestão de conexão entre as grandes fortunas do capitalismo ocidental e o comunismo decerto faria recair sobre o autor de tal excentricidade a pecha de *“teórico da conspiração”*. A quantidade de literatura existente sobre essa suposta teoria da conspiração é, contudo, virtualmente inabarcável. Eu mesmo, apesar de me dedicar ao tema há bastante tempo, creio não dominar nem 1% dela. Recorrendo a uma parte dessa bibliografia, escrevi recentemente uma série de sete artigos para o jornal Gazeta do Povo com o título *“Globalismo e comunismo”*. O que pretendo fazer aqui é retomar alguns temas ali abordados, mas incluir tópicos colaterais, que alargam a perspectiva do fenômeno.

Quem quer que venha a abordar esse assunto (e, de maneira geral, qualquer coisa relativa à análise de política internacional) terá inevitavelmente de lidar, antes de tudo, com um sério inconveniente: a persistência de alguns vícios de raciocínio adquiridos desde o ensino fundamental. Como sabemos, a formação básica no Brasil é bastante deficiente em termos gerais, e particularmente em história, sociologia e política, disciplinas muito contaminadas ideologicamente. Quem entra em contato com elas apenas durante o período





escolar – e depois, seja por uma questão de especialização profissional ou por falta de interesse, nunca mais volta a se dedicar a elas, assimilando as informações relativas apenas passivamente (via grande imprensa, por exemplo) – acaba com um conhecimento precário, se não mesmo inteiramente fantasioso, do que realmente se passa no mundo.

Dentre aqueles vícios de raciocínio adquiridos, um dos piores é a tendência a adotar uma interpretação meramente enciclopédica, dicotômica e a-histórica de fenômenos como o capitalismo e o socialismo. Segundo essa visão estereotipada, capitalistas e socialistas seriam inimigos quintessenciais, como se a descrição enciclopédica desses termos pudesse ser transposta imediata e inequivocamente para a realidade histórica e a prática política.

Com base nesse vício de raciocínio, por exemplo, uma prestigiada jornalista brasileira chegou a dizer não acreditar na existência de uma esquerda no espectro político norte-americano, porque, afinal de contas, os EUA são “o berço” ou “a meca” do capitalismo. Trata-se, por óbvio, de um raciocínio infantil, uma peça de humor involuntário. Humor que, todavia, logo se desfaz quanto notamos que essa é uma concepção extremamente comum no debate público brasileiro. Longe de excepcional, a opinião da referida jornalista é prototípica. Na mídia nacional, trata-se de um senso comum consagrado o esquematismo mental segundo o qual se o

socialismo é de esquerda, então, evidentemente, o capitalismo só pode ser de direita.

Mas se, no Brasil de hoje, essa é a opinião média entre os assim chamados “*formadores de opinião*” – ou, antes, papagueadores de opiniões cuja origem sequer conhecem bem –, fora de Pindorama já se sabe há bastante tempo que, na realidade concreta, as coisas se passem de maneira muito distinta do que proclamam as definições dos dicionários e enciclopédias. Convido o leitor a recuar mais de um século no tempo e contemplar, por exemplo, esta charge de um autor chamado Robert Minor, publicada no jornal americano St. Louis Post-Dispatch em 1911:



Cartoon by Robert Minor in St. Louis Post-Dispatch (1911). Karl Marx surrounded by an appreciative audience of Wall Street financiers: John D. Rockefeller, J. P. Morgan, John D. Ryan of National City Bank, and Morgan partner George W. Perkins. Immediately behind Karl Marx is Teddy Roosevelt, leader of the Progressive Party.





Além de badalado cartunista da época, Minor era também militante comunista – alguém, portanto, com uma visão interna da questão. A charge em tela retrata Karl Marx chegando a Wall Street, levando debaixo do braço um livro intitulado Socialismo, e sendo efusivamente recebido por figuras importantes das finanças e da política: John D. Rockefeller, J. P. Morgan, George Perkins e Theodore Roosevelt. Logo, a sugestão de que socialistas e capitalistas pudessem ser bem menos hostis entre si do que aparentam não é nenhuma excentricidade de teóricos da conspiração contemporâneos, mas algo relativamente bem estabelecido, a ponto de sair sob forma de charge, um modo de comunicação eminentemente sintético, num dos jornais de maior circulação no começo do século 20.

Àquela altura, com efeito, muitos intelectuais já o estavam notando. Intelectuais como o romancista britânico H. G. Wells, quem, cerca de uma década após a charge de Minor, escreveu o seguinte no livro *Russia in the Shadows* (1920): “*O grande negócio não é, de forma alguma, antipático ao comunismo. Quanto mais o grande negócio cresce, mais se aproxima do coletivismo*”.

Constata-se a pertinência da afirmação em diversos momentos da história recente. Na década de 1970, por exemplo, ninguém menos que David Rockefeller, regressando de uma viagem à China de Mao Tsé-Tung, publicou no *The New York Times*

um artigo altamente elogioso ao líder chinês (para o leitor saber que isso de grandes capitalistas puxando o saco de ditadores comunistas chineses não é de hoje). O que mais lhe chamou atenção na ditadura comunista foi aquilo que definiu como um “*senso de harmonia nacional*” vigente no gigante asiático. Encantou-se também com a habilidade comunista de produzir uma administração centralizada e eficiente. Segundo Rockefeller, a

revolução incutira na população “*um senso moral elevado*” e “*uma comunhão de propósitos*”.

Cabe lembrar ademais que, já na década de 1950, a fundação de Rockefeller, juntamente com a Fundação Ford e a Fundação Carnegie, entre outras, foram alvo de investigação por parte do Congresso

americano, investigação a cargo de uma comissão montada especialmente para destrinchar a ajuda prestada por essas fundações ao comunismo e o financiamento de agendas marxistas-leninistas dentro dos Estados Unidos. O evento ficou conhecido como “*Comissão Reece*” a partir do nome do congressista Brazilla Carroll Reece, que a copresidiu (sobre o tema, recomenda-se a leitura de

“A SUGESTÃO DE QUE SOCIALISTAS E CAPITALISTAS PUDESSEM SER BEM MENOS HOSTIS ENTRE SI DO QUE APARENTAM NÃO É NENHUMA EXCENTRICIDADE DE TEÓRICOS DA CONSPIRAÇÃO CONTEMPORÂNEOS, MAS ALGO RELATIVAMENTE BEM ESTABELECIDO”





Fundações: o seu poder e a sua influência, de René Albert Wormser, advogado de Nova York integrante da comissão).

Em 21 de dezembro de 1954, o jornalista americano John P. O'Donnell escreveu em sua coluna no jornal Daily News que a Comissão Reece tinha a “*tarefa quase impossível*” de contar “*aos contribuintes que o incrível era, de fato, a verdade*”. “E o incrível”, continuava O'Donnell, “*era que as enormes fortunas*

*acumuladas por gigantes da indústria, como John D. Rockefeller, Andrew Carnegie e Henry Ford, estavam sendo usadas para destruir ou desacreditar o sistema da livre empresa que lhes deu origem*”.

Apesar das muitas evidências históricas a respeito da simbiose entre o grande capital

e o projeto socialista, o assunto continua sendo varrido para baixo do tapete, justamente por contrariar a concepção política do senso comum semiletrado. Como dissemos, o que se aprende já no ensino fundamental – lição que explica a fala da jornalista sobre a inexistência da esquerda nos EUA – é que comunistas e capitalistas ocupam polos radicalmente opostos na realidade política.

“HÁ EXPLICAÇÃO TEÓRICA BASTANTE RAZOÁVEL PARA O LAÇO APARENTEMENTE PARADOXAL ENTRE COMUNISTAS E ARQUICAPITALISTAS, UMA VEZ QUE AMBOS SONHAM, NO FUNDO, COM O CONTROLE MONOPOLÍSTICO DA SOCIEDADE”



Daí que, nesse espectro dogmático e idealizado, qualquer aliança entre eles soa naturalmente como impossível.

Mas, mesmo desconsiderando, por ora, os fatos concretos que desmentem aquele dogmatismo, há explicação teórica bastante razoável para o laço aparentemente paradoxal entre comunistas e arquicapitalistas, uma vez que ambos sonham, no fundo, com o controle monopolístico da sociedade. Se, no começo, capitalistas como J. P. Morgan, John D. Rockefeller e Henry Ford tinham em mente apenas um monopólio de ordem econômica (sobre a atividade industrial, por exemplo), logo perceberam que o meio mais fácil de o conquistar era mergulhar na política. A estratégia foi confessada por Frederic C. Howe, político e homem de negócios americano. Em 1906, Howe publicou Confissões de um Monopolista, no qual se lê: *“Essas são as regras dos grandes negócios; elas substituíram os ensinamentos dos nossos pais e podem ser resumidas a uma única máxima: arranje um monopólio, deixe a sociedade trabalhar para você e lembre-se de que o melhor negócio de todos é a política”*.

Em Wall Street and the Bolshevik Revolution, o economista Anthony Sutton mostra como alguns dos maiores financistas norte-americanos ajudaram a financiar a Revolução Russa de 1917, chegando a sustentar lideranças revolucionárias importantes. Foi com o dinheiro do *“inimigo de*

*classe*”, por exemplo, que Trotsky se manteve em Nova York durante certo período de tempo, pouco antes de voltar à Rússia para ajudar no processo revolucionário. Sutton escreve que, apesar de essa relação entre socialistas e grandes capitalistas ter sido reiteradamente ocultada ou negada em termos teóricos, nota-se que, na realidade histórica, sempre ocorreu em benefício de ambos.





# Capítulo 2



## A FUSÃO ENTRE EUA E UNIÃO SOVIÉTICA



[voltar para  
o índice](#)

Em política, a receita certa para não se entender nada é adotar uma concepção subjetivista dos fenômenos em tela. Quando falamos da cooperação entre capitalistas e socialistas, e mencionamos, na condição de financiadores da agenda revolucionária da esquerda global, o nome de bilionários como David Rockefeller ou George Soros, somos impreterivelmente fulminados com a seguinte objeção: “*Então você está dizendo que*

*Rockefeller e Soros são comunistas?*”

A pergunta é equívoca, exigindo uma reflexão sobre o sentido preciso do verbo “*ser*” nesse contexto. Pois, se a palavra pretende se aplicar às convicções íntimas de George Soros – ou àquilo que, em suma, poderíamos chamar de sua ideologia –, a

pergunta não tem relevância alguma, e talvez seja impossível de responder. Ora, pouco importa saber no que esses bilionários realmente acreditam, se são comunistas no sentido específico de esposar a doutrina marxista. Provavelmente jamais saberemos com certeza algo sobre sua visão pessoal de mundo. O que basta saber é que, objetivamente, eles têm financiado os principais movimentos

“POUCO IMPORTA SABER NO QUE ROCKEFELLER E SOROS REALMENTE ACREDITAM. O QUE BASTA SABER É QUE, OBJETIVAMENTE, ELES TÊM FINANCIADO OS PRINCIPAIS MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES DE ESQUERDA RADICAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

e organizações de esquerda radical no mundo contemporâneo. Isso, sim, é fácil de constatar.

Recorde-se que, há alguns anos, quando do vazamento de informações da fundação Open Society, descobrimos que Soros financiou até mesmo o brasileiro Mídia Ninja – grupo de extrema-esquerda ligado ao PT e ao PSOL, nominalmente dedicado a fiscalizar a violência policial, e que, durante as manifestações de junho de 2013, atuou como uma espécie de departamento de propaganda do grupo terrorista Black Blocs, os camisas-negras da esquerda.

Mas, como sugerimos no capítulo anterior, a verdade é que abundam os registros históricos da aliança entre grandes capitalistas e socialistas, aliança que, em alguns casos, foi replicada na esfera das relações exteriores, inclusive dentro do governo americano. Em 1953, por exemplo, na já mencionada Comissão Reece – criada para investigar as fundações por seu fomento à agenda comunista e revolucionária dentro dos EUA –, houve o depoimento do então presidente da Fundação Ford, Horace Rowan Gaither, que admitiu o seguinte a Norman Dodd (que atuou como chefe da investigação da Comissão Reece, publicando, no ano seguinte, um relatório sobre o caso):

*“Nós tivemos experiência com o Escritório de Serviços Estratégicos [precursor da CIA] durante a guerra ou com a Administração Econômica Europeia. Nós tivemos*



*experiência de operar sob diretrizes. As diretrizes emanam, e emanavam, da Casa Branca. Agora, ainda operamos sob tais diretrizes (...) Sr. Dodd, estamos aqui para operar em resposta a diretrizes similares, a substância das quais é que devemos usar nosso poder de concessão de doações para alterar a vida nos Estados Unidos, de modo a possibilitar que o país seja confortavelmente fundido com a União Soviética”.*

Sim, o leitor não leu errado. Foi exatamente essa a proposta que, em 1953, o presidente da Fundação Ford admitiu para um investigador do Congresso norte-americano: uma fusão dos EUA com a União Soviética. Para a maioria das pessoas, essa informação é, decerto, chocante. Mas, antes que aberrante e excêntrica, a sugestão de uma possível convergência entre as duas potências do pós-guerra foi sempre abertamente aventada nos altos círculos do governo americano e também no Politburo soviético.

Ainda no auge da Guerra Fria, o tema inseria-se no projeto de uma nova ordem mundial – o projeto globalista –, em que as nações abdicariam de suas soberanias, incluindo (talvez sobretudo) o poderio militar, em favor de organizações supranacionais, como a ONU, a Unesco e a OMS. A ideia de desarmamento, tanto civil quanto militar, foi sempre parte crucial desses projetos, e não por acaso. Evidentemente, não há como enfraquecer soberanias nacionais sem enfraquecer militarmente as nações.

Há vários registros dessas discussões dentro do governo americano. Em fevereiro de 1961, por exemplo, na época em que o então presidente JFK lançou sua campanha pelo desarmamento, seu secretário de Estado, Dean Rusk – membro do Council on Foreign Relations (CFR), o famoso think tank globalista americano –, contratou um instituto de pesquisa chamado Institute for Defense Analyses (IDA), a fim de preparar um estudo sobre

desarmamento e governo mundial. Em 1962, o IDA lançou um memorando (Study Memorandum 7) intitulado “*Um mundo efetivamente controlado pelas Nações Unidas*”, escrito por Lincoln Bloomfield, também membro do

CFR e pesquisador do Massachusetts Institute of Technology (MIT), um homem cujas relações com o Departamento de Estado eram estreitas.

O relatório do IDA é interessantíssimo, sobretudo porque nele Bloomfield exprime-se com honestidade, sem apelar para os eufemismos habituais da retórica diplomática, onipresentes nos documentos redigidos por defensores da nova ordem mundial. Só o texto de abertura já bastaria para cobrir de ridículo todo aquele ignorante para quem o globalismo – a ideia de um governo mundial

“ EM 1953, O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO FORD ADMITIU PARA UM INVESTIGADOR DO CONGRESSO NORTE-AMERICANO A INTENÇÃO DE UMA FUSÃO DOS EUA COM A UNIÃO SOVIÉTICA



– não passa de “teoria da conspiração”:

*“O mundo efetivamente controlado pelas Nações Unidas é um mundo no qual o ‘governo mundial’ surgirá do estabelecimento de instituições supranacionais, caracterizadas por uma participação obrigatória e abrangência universal, bem como por alguma habilidade para empregar força física. O controle efetivo implicaria, portanto, uma preponderância do poder político nas mãos de uma organização supranacional, e não em unidades nacionais individuais, e assumiria a operação efetiva de um acordo de desarmamento geral. Embora essa organização supranacional – as Nações Unidas – não seja necessariamente a organização que existe agora, a presente Carta das Nações Unidas poderia teoricamente ser revisada de modo a erigir uma tal organização, condizente com a tarefa contemplada, produzindo, desse modo, um rearranjo radical do poder no mundo”.*

Em outro trecho, o autor, professor Bloomfield, afirma o seguinte:

*“A noção de um ‘mundo controlado pela ONU’ é hoje tida por fantástica (...) Cientistas políticos geralmente ficam desesperados e dão saltos quânticos sobre a ideia de ordem mundial, tida por utópica e desconectada das realidades políticas. Mas mentes arejadas da vida militar, científica e industrial, ao focarem na cada vez mais irracional corrida armamentista, têm frequentemente concluído que a lógica do governo*



*mundial – e é de governo mundial que estamos falando aqui – é inescapável.”*

Note-se que a ideia de “*governo mundial*” é manifesta com todas as letras. O autor cita ainda um discurso de Christian Herter, secretário de Estado do presidente Eisenhower, proferido em 18 de fevereiro de 1960 no National Press Club. Segundo Bloomfield, Herter defendia a criação de regras universalmente aceitas e apoiadas por uma corte internacional com meios efetivos de imposição (“*por forças armadas internacionais*”) e o desarmamento propriamente dito, “*até o ponto em que nenhuma nação individual ou grupo de nações possam oferecer oposição efetiva a essa imposição do direito internacional pelo maquinário internacional*”. Comentando sobre a declaração, diz Bloomfield:

*“Aqui, então, está a base, na recente da política americana, da noção de um mundo ‘efetivamente controlado pela ONU’. Não foi explicitado, mas a posição dos Estados Unidos tinha um sentido inequívoco, não importa por qual nome, de um governo mundial, suficientemente poderoso em qualquer momento para manter a paz e impor seus julgamentos”.*

A seguir, como se ainda não tivesse ficado suficientemente claro, Bloomfield faz questão de precisar o significado de cada um dos termos usados no título do relatório:

*“‘Mundo’ significa que o sistema é global, sem exceção à sua ordem: a pertença é universal. ‘Controlado efetivamente’ denota atributos de governo – um monopólio relativo do uso da força física no centro do sistema, e, portanto, uma preponderância do poder político nas mãos de uma organização supranacional em lugar de unidades nacionais individuais. ‘As Nações Unidas’ não são necessariamente a organização que existe agora. Em teoria, um rearranjo radical do poder no mundo poderia ser codificado mediante revisão da Carta da ONU existente (como no Plano Clark-Sohn); ou uma nova constituição poderia ser desenhada. Finalmente, para evitar o eufemismo sem fim e a verborragia evasiva, o regime contemplado será referido ocasionalmente de forma desavergonhada como um ‘governo mundial’”.*

Bloomfield repisa os pontos essenciais do projeto. Um deles é que “o desarmamento nacional é uma condição *sine qua non* para o controle efetivo da ONU”. Sem o desarmamento dos países, esse controle não é possível. Além disso, “o ponto essencial é a transferência do elemento mais vital do poder soberano dos Estados para um governo supranacional”. Ainda segundo o autor, “o fato central acachapante seria a perda de controle do seu poder militar pelas nações individuais”.

Lembro ao leitor mais uma vez: o documento “Um mundo efetivamente controlado pelas Nações Unidas” foi preparado pelo IDA por encomenda

do Departamento de Estado americano. E, como veremos, o governo americano continuou promovendo estudos nesse sentido, muitos dos quais falando abertamente em desarmamento internacional e fusão com a União Soviética.



# Capítulo 3

## UM MUNDO CONTROLADO **PELA ONU**



voltar para  
o índice

**N**o capítulo anterior, mencionamos o documento “*Um mundo efetivamente controlado pelas Nações Unidas*”, produzido em 1961 pelo Institute for Defense Analyses (IDA) a pedido do Departamento de Estado americano. Dois anos depois, em 1963, um estudo similar foi encomendado pela Agência Americana de Desarmamento e Controle de Armas (ACDA) a um instituto de pesquisa privado chamado The Peace Research Institute. Autorado por Walter Millis, um típico filho da Universidade de Yale, e então diretor do estudo sobre desarmamento do Fund for the Republic (organização criada pela Fundação Ford), o estudo saiu com o título *The Political Control of an International Policy Force*.

Entre outras coisas um tanto quanto perturbadoras, o autor afirmava o seguinte: “*Quer admitamos ou não, beneficiamo-nos enormemente da capacidade do sistema soviético de polícia em manter a lei e a ordem sobre mais de 200 milhões de russos e mais outras milhões de pessoas, se incluirmos os Estados satélites... Hoje, o colapso do império comunista russo levaria, sem dúvida, a mais liberdade; no entanto, ele também seria catastrófico para a ordem mundial*”.

Também em 1963, a ACDA encomendou ao mesmo IDA – instituto que produzira o relatório “*Um mundo efetivamente controlado pelas Nações Unidas*” – um estudo que sugeria abertamente uma convergência entre EUA e URSS. Autorado por Vincent P. Rock,



o estudo chamava-se Common Action for the Control of Conflict: An Approach to the Problem of International Tension and Arms Control. A íntegra do documento foi mais tarde reproduzida no livro The Phoenix Papers; If Not Treason, What?, de James D. Bales (1966).

Em 13 de maio de 1964, o documento foi citado na House of Representatives (equivalente americano da nossa Câmara dos Deputados) por Glenard P.

Lipscomb, congressista republicano da Califórnia, que observou com muita perspicácia: *“Senhor presidente, temos ouvido mais e mais o que acredito serem esforços míopes para apaziguar a União Soviética, segundo a equivocada crença de que os homens do Kremlin abandonarão o seu objetivo*

*de um mundo comunista se os ajudarmos a fortalecer sua economia”* (Congressional Record House, p. A2527–A2528, parte 25, vol. 110).

Um trecho do documento diz o seguinte:

*“Unificação: no presente, essa abordagem pode parecer muito radical e será descartada a priori. No entanto, a sua lógica é muito simples e é estranho que ainda não tenha sido compreendida por muita gente (...) Hoje,*

“**ALGUNS DOS  
MAIS NOTÓRIOS  
GLOBALISTAS –  
ROCKEFELLER,  
MORGAN, CARNEGIE,  
ENTRE OUTROS  
– PROMOVERAM  
COM AFINCO O  
FORTALECIMENTO  
DAS ORGANIZAÇÕES  
SUPRANACIONAIS**



*os Estados Unidos e a União Soviética, combinados, detêm, para propósitos práticos, quase o monopólio da força no mundo. Se o uso e a direção desse poder puderem, de alguma maneira, ser sincronizados, sem dúvida nós alcançaríamos a estabilidade e unidade em um futuro muito próximo”.*

Deve-se lembrar, ademais, que tudo isso acontece num contexto em que os Estados Unidos (além do Reino Unido e outros países do Ocidente) começaram a transferir muita tecnologia, dinheiro e know how científico para a URSS, sempre com a crença liberal, de um triunfalismo para lá de ingênuo, de que o desenvolvimento econômico e tecnocientífico abriria o caminho para a liberalização política do regime comunista. Além da obra de fôlego do historiador britânico Antony Sutton, que tratou do tema numa série de livros clássicos, há outros trabalhos interessantes, como, por exemplo, *The Secret War for the A-Bomb*, de Medford Evans; *Red Carpet*, de Joseph Finder (cujo título em trocadilho alude à extensão do tapete vermelho para a União Soviética); e *Vodka-Cola*, de Charles Levinson, que tem tradução para português, pela editora Publicações Europa-América (1977), com o subtítulo *“A oculta cumplicidade entre dois mundos”*.

No que diz respeito especificamente ao Sistema ONU, sabe-se que alguns dos mais notórios globalistas – Rockefeller, Morgan, Carnegie, entre

outros – promoveram com afinco o fortalecimento das organizações supranacionais, de modo a criar condições para aquilo que esses barões do capitalismo nunca hesitaram em chamar de Nova Ordem Mundial. Mas, por paradoxal que possa soar, esse fortalecimento foi também um dos objetivos principais do movimento comunista internacional desde os seus primórdios.

Antes mesmo da revolução bolchevique, por exemplo, Lenin já afirmara, em 1915, que o internacionalismo comunista deveria assumir a forma de uma espécie de Estados Unidos do Mundo – uma grande federação de países sob o comando da União Soviética. Na década de 1930, no programa oficial da Internacional Comunista, lia-se a seguinte resolução: *“a ditadura só pode se estabelecer por meio de uma vitória do socialismo em diferentes países ou grupos de países. Depois, as repúblicas proletárias deverão se unir federativamente às que já existem, e esse sistema de uniões federativas vai se expandir até a formação de uma união mundial de repúblicas socialistas soviéticas”*. Pouco tempo depois da fundação da ONU, ninguém menos que Joseph Stalin rasgava elogios à organização. Em artigo publicado no Pravda em 1946, o ditador soviético dizia o seguinte: *“Atribuo grande importância à ONU, dado que é um importante instrumento para a preservação da paz e da segurança internacional”*.



Apesar de, novamente, alguns jornalistas–humoristas brasileiros afirmarem não haver esquerda nos Estados Unidos, sempre foi sólida a presença do Partido Comunista na América. Entre os anos 1930 e 1940, tratava-se de um dos partidos comunistas mais organizados do mundo. No período, não foram poucos os camaradas americanos a manifestar apoio entusiasmado à ONU e às propostas de internacionalização, integração mundial e interdependência. William

Z. Foster, presidente nacional do Partido Comunista nos Estados Unidos, escreveu o seguinte no livro *Toward Soviet America*, de 1932:

*“O governo soviético americano irá juntar-se com os outros governos soviéticos numa União*

*Soviética global (...) Não é o cristianismo, mas o comunismo que trará a paz mundial. Um mundo comunista será um mundo unificado e organizado. O sistema econômico será uma grande organização, baseada no princípio de planejamento central, ora em vigência na União Soviética. O governo soviético americano será uma importante sessão dessa organização mundial.”*



O FORTALECIMENTO  
DAS ORGANIZAÇÕES  
SUPRANACIONAIS  
FOI TAMBÉM UM  
DOS OBJETIVOS  
PRINCIPAIS DO  
MOVIMENTO  
COMUNISTA  
INTERNACIONAL  
DESDE OS SEUS  
PRIMÓRDIOS



voltar para  
o índice



Já em 1942, em plena guerra, o secretário-geral do Partido Comunista americano, Earl Browder, escreveu um livro chamado Victory – and After, no qual conta como os comunistas americanos se empenharam no processo de idealização da ONU, que só viria a surgir três anos depois da publicação da obra. Nas palavras de Browder:

*“Os comunistas americanos trabalharam enérgica e incansavelmente para avançar as fundações das Nações Unidas, de cuja existência futura estamos convictos (...) Pode ser dito, sem exagero, que relações sempre mais próximas entre a nossa nação e a União Soviética são um requisito indispensável para as Nações Unidas enquanto coalizão mundial (...) A confiança mútua entre o nosso país e a União Soviética e a colaboração com as lideranças das Nações Unidas são absolutamente necessárias”.*

Na revista do Partido Comunista americano, Political Affairs, lia-se o seguinte na edição de abril de 1945:

*“Depois que a carta passar em São Francisco, terá de ser aprovada por dois terços do Senado, e essa ação estabelecerá um precedente de peso para outros tratados e acordos vindouros. Mas a vitória não poderá ser obtida apenas no Senado; ela deve emanar de um apoio nacional organizado e cada vez mais amplo, erguido ao redor das políticas do presidente, tanto antes quanto depois da reunião em São Francisco (...) Um forte apoio popular e o entusiasmo pelas*

*políticas das Nações Unidas devem ser incentivados e organizados. Mas é preciso ir além. A oposição ao projeto deve ser mantida tão impotente a ponto de não conseguir reunir qualquer apoio significativo no Senado contra a Carta e os tratados vindouros” (“The World Assembly at San Francisco”).*

Portanto, houve sempre uma relação muito próxima entre a ONU e os comunistas, notadamente os norte-americanos, cuja atuação foi decisiva no processo de consolidação da organização, angariando apoio popular ao projeto e ao conteúdo da Carta das Nações Unidas. Mas, em paralelo ao trabalho de base da militância do partido, ocorria na época um fenômeno muito mais grave, que parece coisa de filme: a infiltração de espiões soviéticos nas altas esferas do poder em Washington.

## Capítulo 4

# A FANTASIA TRIUNFALISTA SOBRE **O FIM** **DO COMUNISMO**



voltar para  
o índice



Sabe-se hoje que alguns dos principais artífices da ONU (integrantes do Departamento de Estado e do Departamento de Tesouro dos Estados Unidos) foram espiões soviéticos, a começar pelo secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre a Organização Internacional, que resultou na redação da Carta das Nações Unidas: ninguém menos que o senhor Alger Hiss.

“SÓ NO FIM DOS ANOS 1980, COM O PROCESSO DE DISSOLUÇÃO NOMINAL DO COMUNISMO, COM A QUEDA DO MURO DE BERLIM, OS COMUNISTAS COMEÇARAM A SOFISTICAR O LINGUAJAR E ADOTAR A RETÓRICA CONTEMPORÂNEA DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1944, Hiss era o diretor do Escritório de Assuntos Políticos Especiais (Office of Special Political Affairs) do Departamento de Estado dos EUA, órgão responsável pelo planejamento das organizações internacionais do pós-guerra. Atuou como secretário-executivo da Conferência de Dumbarton Oaks, em

Washington D.C., na qual foram delineados os planos da futura ONU. Foi também o secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre a Organização Internacional (realizada de 25 de abril a 26 de junho de 1945, em San Francisco), na qual os textos acordados em Dumbarton Oaks foram revistos, resultando na Carta das Nações Unidas.

Sua atividade de espionagem veio à tona a partir de denúncia de um ex-companheiro de célula partidária, Whittaker Chambers. A denúncia resultou em processo, num caso notório e escandaloso. Hiss foi julgado duas vezes pelo júri popular e condenado, em janeiro de 1950, a cinco anos de prisão, tendo sido forçado a deixar a presidência do think tank Carnegie Endowment for International Peace, função que havia assumido em 1946, após deixar seu cargo no Departamento de Estado.

Mas Hiss não foi o único. Num dos artigos da minha série sobre globalismo e comunismo, publicada na Gazeta do Povo, cito outros personagens decisivos na fundação da ONU, ocupantes de altos cargos no governo americano e, posteriormente, também desmascarados como espiões ou colaboradores soviéticos, nomes como Solomon Adler, Virginius Frank Coe, Lawrence Duggan, Noel Field, Harold Glasser, Irving Kaplan, Victor Perlo, Abraham G. Silverman, Nathan G. Silvermaster, William H. Taylor, William L. Ullman, John Carter Vincent, Henry Julian Wadleigh, David Weintraub e Harry Dexter White.

Na época da fundação da ONU, e até mais ou menos os anos 1980, o vocabulário adotado pelos comunistas era ainda muito marcado pelo cânon soviético, a terminologia oficial adotada pela Nomenklatura. Foi só no fim dos anos 1980, com o processo de dissolução nominal do comunismo,

com a queda do Muro de Berlim, é que os ideólogos do partido começaram a sofisticar o linguajar e adotar a retórica contemporânea das organizações internacionais – menos marcada ideologicamente, mais abstrata e universalista. A partir de então, as formulações clássicas sobre a ditadura do proletariado (que, em momentos anteriores, já tinham sido atenuadas ou disfarçadas) começam a ser abandonadas em favor de discursos genéricos sobre o bem comum, a segurança de toda a humanidade, a defesa do clima, a saúde pública etc. E, com efeito, não há hoje iniciativa globalista – inclusive as mais autoritárias – que não venha embalada nesse simbolismo universalista e humanista.

Surge, então, a Perestroika – processo que, tradicionalmente, ficou conhecido como uma liberalização e uma abertura dos regimes comunistas. No livro que escreveu sobre o projeto, Gorbachev ilustra bem essa mudança de vocabulário. *“É minha convicção que a raça humana alcançou um estado em que somos todos dependentes uns dos outros”* – diz num certo trecho. Alguns conceitos-chave começam a aparecer o tempo todo na fala e nos escritos dos comunistas: interdependência, convergência, bem comum da humanidade etc. *“Nenhum país, nenhuma nação deveria ser considerada de forma isolada das outras, muito menos oposta às outras. É o que o nosso vocabulário comunista chama de internacionalismo, o que significa o anseio*





*em promover os valores humanos universais” –*  
continua a velha raposa russa.

Nos meios conservadores e liberais do Ocidente, há ainda quem acredite na história da carochinha segundo a qual o comunismo acabou graças a uma inevitável superioridade intelectual e moral das democracias liberais. A versão mais conhecida dessa história é a que chamo de Mito da Trindade, uma exaltação de três personalidades ocidentais

– Ronald Reagan, o papa João Paulo II e Margaret Thatcher – que, praticamente sozinhas, teriam derrotado o comunismo internacional. Exemplo clássico de difusão do mito é o livro *O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra: três que mudaram o mundo*, de John O’Sullivan,

jornalista conservador e thatcherista. Sem prejuízo ao nobre papel que, de fato, as três grandes figuras desempenharam na luta contra a tirania comunista, a questão é que essa mitologia heroica e triunfalista desconsidera uma série de fatores, em especial a exata dimensão das reformas internas promovidas pelos dirigentes soviéticos.

“ O SUPOSTO FIM DO  
COMUNISMO NÃO FOI  
OBRA DE LIBERAIS  
CONSERVADORES,  
NEM DA DEMOCRACIA  
OCIDENTAL, E  
MUITO MENOS DO  
CAPITALISMO. FOI,  
EM VEZ DISSO,  
RESULTADO DE  
UMA PROFUNDA  
REFORMA INTERNA

Consagrado nos meios liberais e conservadores, o Mito da Trindade parte de uma premissa meta-histórica que, curiosamente, é progressista em essência: a ideia de que a história humana é um progresso inexorável a caminho da razão e da civilização; de que todas as divergências políticas e ideológicas decorrem de um atraso civilizacional e de que, um dia, com o passar do tempo, serão simplesmente superadas, mediante o uso racional das nossas faculdades intelectuais e morais.

Quem acredita na tese, naturalmente, tende a se ver como estando no pináculo da evolução humana. Toda a ilusão liberal acerca de um pretenso “*fim da história*” deriva dessa premissa. O problema é que, concebendo o inimigo como atrasado (ou seja, uma espécie de versão anterior de mim mesmo), os adeptos dessa mitologia autolisonjeira terminam não compreendendo o inimigo naquilo que tem de realmente distinto e singular. Trata-se da confusão progressista clássica entre alteridade e anterioridade. O outro é visto como um mesmo, apenas que ultrapassado. E essa falta de compreensão do inimigo em sua alteridade plena – sabemos desde Sun Tzu – é a receita infalível para se perder a guerra.

Hoje, por meio da análise dos arquivos de Moscou, e de muitas obras dedicadas ao tema, já não restam dúvidas de que o suposto fim do comunismo não foi obra de liberais

conservadores, nem da democracia ocidental, e muito menos do capitalismo. Foi, em vez disso, resultado de uma profunda reforma interna, uma das tantas pelas quais o comunismo passou ao longo do tempo, sempre se metamorfoseando e se adaptando a novas circunstâncias. Antes que queda, deveríamos, talvez, passar a falar em implosão do comunismo. Os principais líderes comunistas – a começar pelo próprio Lenin – tiveram sempre uma concepção pragmática – e não dogmática – da ação política, e souberam iludir o inimigo quanto à sua pretensa fraqueza.





# Capítulo 5



## A PAUTA GLOBALISTA E **A DESTRUIÇÃO** DA IMAGEM DO INIMIGO



voltar para  
o índice

Encerramos o capítulo anterior questionando a narrativa triunfalista sobre o fim do comunismo, que, segundo liberais e conservadores autoiludidos, teria “caído”, qual uma fruta podre, diante da superioridade (técnica, econômica e até moral) do capitalismo. Sugerimos que, mais do que uma queda, o processo ocorrido na URSS e no Leste Europeu em fins dos anos 1980 deve ser mais bem compreendido como uma espécie de implosão controlada, arquitetada por grandes estrategistas políticos.

Se pensarmos, por exemplo, no que Gorbachev escreve em Perestroika, o livro, o triunfalismo liberal-conservador soa cômico, até mesmo pueril. Logo no primeiro capítulo, alerta-se ao leitor:

*“Existem pessoas, no Ocidente, que gostariam de nos fazer crer que o socialismo atravessa uma crise profunda por haver conduzido nossa sociedade a um impasse. É dessa forma que eles interpretam nossa análise crítica da situação do fim dos anos 70 e começo dos anos 80. Nós só temos um objetivo, dizem eles: adotar os métodos de gestão econômica capitalistas e seus modelos sociais; em outras palavras, nos dirigir ao capitalismo (...) Para pôr um fim a esses rumores e especulações que se multiplicam no Ocidente, gostaria uma vez mais de ressaltar que nós conduzimos todas as nossas reformas em conformidade com a via socialista. É no contexto do socialismo, e não fora dele, que buscamos as respostas a todas as questões que se*



*colocam. É em função desses critérios que avaliamos tanto nossos êxitos quanto nossos erros. Aqueles que esperam que nos afastemos da via socialista se decepcionarão profundamente. Cada elemento do programa da perestroika – e o programa em seu conjunto – se funda inteiramente na ideia de que é necessário mais socialismo, mais democracia (...) Estamos nos dirigindo a mais socialismo, e não o contrário. Nós o declaramos honestamente, sem tentar*

*enganar nem nosso povo e nem o resto do mundo. Toda esperança que possamos ter de construir uma sociedade diferente, não-socialista, e passar ao outro campo é irrealista e insignificante. Aqueles, no Ocidente, que esperam que abandonemos a via socialista se desapontarão”.*

Gorbachev tinha uma compreensão muito

aguda das ilusões liberais. Em 6 de janeiro de 1988, diante de representantes da ciência e da cultura reunidos no Comitê Central do Partido Comunista da URSS, o último líder soviético se defendeu de críticas ao projeto de “*abertura*” do regime, projeto que muitos consideravam mal concebido. “*Como assim mal concebido?*” – exaltou-se Gorbachev. “*O plano havia sido muito bem estudado, e isso muito antes de*



MAIS DO QUE UMA QUEDA, O PROCESSO OCORRIDO NA URSS E NO LESTE EUROPEU EM FINS DOS ANOS 1980 DEVE SER MAIS BEM COMPREENDIDO COMO UMA ESPÉCIE DE IMPLOÇÃO CONTROLADA, ARQUITETADA POR GRANDES ESTRATEGISTAS POLÍTICOS



voltar para  
o índice



1985: 110 estudos e projetos foram então apresentados ao Comitê Central por diversas grandes cabeças. Tudo remonta a uma época bem anterior à Plenária de Abril”. Por “*Plenária de Abril*”, o líder soviético referia-se à Plenária do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética de 1985, na qual se apresentara oficialmente o projeto da Perestroika.

Com efeito, as primeiras elaborações do que depois ficaria conhecido como a “*nova mentalidade*” soviética – pretensamente mais aberta, mais liberal etc. – datam do fim dos anos 1970, bem antes de Gorbachev, que, portanto, apenas herdou um programa reformista em andamento. Importantes intelectuais orgânicos do regime já vinham concebendo essa missão de reformar o comunismo, com vistas a dar um novo norte filosófico para a URSS pós-stalinista. O projeto consistia, basicamente, num *renouveau* intelectual do leninismo, e incluía diversas instituições acadêmicas (como, por exemplo, a Escola Internacional Lenin, reaberta em 1964) e publicações intelectualmente sofisticadas, como os jornais Questões de Filosofia (Voprosy Filosofii) e Questões de Economia (Voprosy Ekonomiki). Toda essa enorme estrutura reformista era controlada pelo Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista, sob o comando de Yuri Andropov, que à época acumulava também a chefia da KGB.

Testemunho precioso desse processo de reforma interna, pouco conhecido no Ocidente, é o de Evgeny Novikov, prestigiado intelectual orgânico do regime, integrante daquele mesmo Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista. Seu livro *Gorbachev and the Collapse of the Soviet Communist Party* é leitura obrigatória para quem quer que ainda mantenha a ilusão de que a força irresistível do capitalismo foi a causa principal do colapso do comunismo na URSS. Na obra – coautorada pelo padre católico Patrick Bascio –, o ex-membro do Politburo soviético afirma o seguinte:

*“O colapso do Partido Comunista soviético não foi um acidente da história nem o súbito resplandecer da democracia. Ao contrário, foi o resultado de um plano minuciosamente preparado, concebido pela elite do Partido e executado pela direção de um departamento secreto do Comitê Central, o Departamento Internacional [do qual, repito, o próprio Novikov foi membro]”.*

Mais relevante ainda é o testemunho do ex-oficial da KGB Anatoliy Golitsyn, tão importante como dissidente soviético que James Angleton, ex-chefe de contrainteligência da CIA, descreveu-o como *“o mais valioso desertor a pisar no Ocidente”*. Em seu primeiro e mais conhecido livro, *New Lies for Old*, Golitsyn chamou a atenção para como o Ocidente compreende mal as mudanças ocorridas no mundo

comunista. No mais das vezes, mesmo os mais prestigiados “sovietólogos” revelavam-se incapazes de apreender a natureza dialética do pensamento estratégico comunista, tornando-se presas fáceis das campanhas de desinformação conduzidas pelos órgãos soviéticos de espionagem e propaganda. No livro, concebido e redigido em meados dos anos 1980, Golitsyn faz uma série de previsões acertadas sobre o que aconteceria nos anos seguintes,

incluindo a pretensa liberalização do Leste Europeu, a queda do Muro de Berlim, a reunificação da Alemanha, a reforma da KGB e a dissolução do Pacto de Varsóvia.

Em *The Perestroika Deception*, seu segundo livro, o ex-oficial de inteligência aprofunda a análise anterior. Como

integrante do pequeno círculo de executores do projeto reformista, Golitsyn foi testemunha ocular, e relata como, no fim dos anos 1950, o então chefe da KGB, Alexander Shelepin, foi mentor de uma importante mudança de orientação no serviço secreto soviético. Na época de Stalin, a agência dedicara-se especialmente à repressão política interna, com ênfase na espionagem de dissidentes. Já com Shelepin, criou-se algo como uma “KGB

“ JÁ NO FIM DOS ANOS 50, UM DOS PONTOS ESSENCIAIS DO PROGRAMA REFORMISTA DE ALEXANDER SHELEPIN NA KGB ERA A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DE UMA IMAGEM DE FRAGILIDADE DO BLOCO SOVIÉTICO



voltar para  
o índice



*dentro da KGB*”, que, menos dedicada às funções habituais, convertia-se então em arma política bem mais sofisticada, dedicada à desinformação para o público externo, com o objetivo de influenciar os processos de tomada de decisão nos países ocidentais. Segundo Golitsyn, um dos pontos essenciais do programa reformista de Shelepin era a projeção internacional de uma imagem de fragilidade do bloco soviético. Golitsyn cita Georgy Arbatov, prestigiado acadêmico soviético, e um dos idealizadores da Perestroika:

*“A imagem do inimigo que está desaparecendo foi absolutamente necessária à política externa e militar dos Estados Unidos e seus aliados. A destruição desse estereótipo é a arma de Gorbachev (...) Uma grande guinada foi dada nas relações internacionais, e, no entanto, algumas pessoas não estão prontas para tanto (...) Por enquanto, a coisa mais terrível que podemos fazer foi tê-las privado da imagem do inimigo”.*

Segundo Arbatov, os EUA tomavam decisões de política externa baseados numa imagem estereotipada da URSS. E, ao desfazer essa imagem, Gorbachev teria conquistado uma vantagem estratégica sobre o Ocidente. O conceito de *“imagem do inimigo”* é recorrente entre os principais ideólogos da Perestroika. Ideólogos como Eduard Shevardnadze, chanceler de Gorbachev, e principal teórico da *“abertura”*. No livro *O futuro pertence à liberdade*, *“Sherva”* (como era conhecido) afirma o seguinte:

*“A imagem do inimigo havia invadido a consciência de milhões de pessoas em todas as partes do mundo. Apagar, destruir essa ‘imagem’ é talvez o objetivo mais importante num contexto de evolução mundial, no qual se aproximam e se erguem à máxima altura os autênticos inimigos da humanidade que são a guerra nuclear, a catástrofe ecológica ou a desintegração do sistema econômico mundial”.*

O abandono do comunismo ortodoxo em favor das pautas globalistas era, portanto, parte essencial do plano de desfazer a tradicional “*imagem do inimigo*”. Portanto, o que acabou ali, na virada dos anos 1980 para os 1990, foi menos o comunismo do que a sua imagem, com a qual o Ocidente estava habituado. E, com o fim dessa imagem, o inimigo (i.e., as democracias capitalistas ocidentais) ficou desorientado, situação agravada pela já referida autoilusão liberal-conservadora, baseada na fantasia triunfalista – e progressista! – de que o capitalismo era uma força civilizatória irresistível, o destino manifesto de todas as nações do planeta.



# Capítulo 6



## GORBACHEV E O SONHO DA **UNIFICAÇÃO** EUROPEIA



voltar para  
o índice



No fim do capítulo anterior, comentamos sobre a diplomacia soviética dos anos 1980–90, focada basicamente na missão de desfazer a tradicional “*imagem do inimigo*” que dela formara o Ocidente. Nesse contexto, foi nessa época também que, para alavancar o projeto da Perestroika, Gorbachev começou a reunir-se com lideranças socialistas de toda a Europa Ocidental, apresentando-lhes a ideia de uma unificação europeia, proposta que, *pari passu*, vinha sendo discutida em outros ciclos políticos e intelectuais no Ocidente.

O lema interno adotado por Gorbachev para se referir ao processo era “*abraçar para sufocar*”. Uma coisa, portanto, era a linguagem de bastidores usada com os camaradas. Outra, bem diversa, era a retórica com que o líder soviético esculpia sua persona internacional – sempre pacifista, humanista e tolerante. Foi nas conversas com os socialistas europeus que começou a desenvolver também a famosa ideia de “*Casa Comum Europeia*” – um slogan no qual insiste até hoje.

Um ótimo registro das reuniões de Gorbachev com os socialistas europeus encontra-se no livro *EUSSR: the Soviet Roots of European Integration*, do dissidente soviético Vladimir Bukovsky, cujo título faz trocadilho com as siglas em inglês da União Europeia (EU) e da União Soviética (USSR). Dentre outras coisas, Bukovsky conta que, em 26 de outubro de 1990, na cidade de Madri,

Gorbachev fez uma visita ao então secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol, Felipe González Márquez – empossado à época como primeiro-ministro do reino da Espanha (o terceiro desde a redemocratização). No encontro, González Márquez explicou ao camarada soviético suas sofisticadas concepções sobre o destino do socialismo contemporâneo.

Em maio do ano anterior, o ministro espanhol de

Relações Exteriores,

Francisco Fernández

Ordóñez, já se havia

encontrado com

Gorbachev em Moscou,

e lhe dito que “o sucesso

*da Perestroika significava*

*o sucesso da revolução*

*socialista nas condições*

*contemporâneas” e que,*

portanto, “o sucesso das

*ideias do socialismo na*

*comunidade mundial contemporânea depende do sucesso da Perestroika”.*

Já no encontro em Madri, as palavras dirigidas por Felipe González a Gorbachev foram as seguintes:

*“Hoje, a essência da Revolução, que ocorre no mundo, é o movimento da Comunidade Mundial Unida. Devo dizer que análises ideológicas e políticas confusas como as que fizemos por muitos anos*



PARA ALAVANCAR  
O PROJETO DA  
PERESTROIKA,  
GORBACHEV  
COMEÇOU A REUNIR-  
SE COM LIDERANÇAS  
SOCIALISTAS DE TODA  
A EUROPA OCIDENTAL,  
APRESENTANDO-  
LHES A IDEIA DE  
UMA UNIFICAÇÃO  
EUROPEIA



voltar para  
o índice



– e, em alguma medida, pelas quais somos todos responsáveis – fizeram um fetiche da oposição entre capitalismo e socialismo (...) Hoje, chego a uma conclusão assaz estranha. Desde que chegamos ao poder, tenho lutado com meus camaradas de partido para fazê-los entender que a economia de mercado é o melhor instrumento para alcançarmos os nossos principais objetivos”.

Nessa época, já havia também uma avaliação geral entre os membros da Nomenklatura soviética de que, ao contrário do que Gorbachev escrevia ou falava em público, o regime chegara a um impasse, uma crise estrutural que afetava especialmente as searas da economia e da tecnologia. É como se os líderes soviéticos tivessem chegado à conclusão de que a “*base econômica*” (para usar o vocabulário marxista clássico) tornara-se estreita para suas ambições globais, e que, a partir de então, seria preciso recorrer ao grande potencial do “*inimigo de classe*” nesse terreno.

Após complexos debates e negociações, as lideranças soviéticas e os socialistas europeus chegaram à conclusão de que, se o processo de integração da Europa (e talvez do mundo) era inevitável, fazia-se necessária a criação de uma frente ampla de esquerda (incluindo comunistas, socialistas, anarquistas e socialdemocratas) para exercer controle sobre o processo. Foi nesse contexto que, em 26 de novembro de 1988, o



presidente francês François Mitterrand encontrou-se a portas fechadas com Gorbachev em Moscou.

Entre baforadas de cigarro e talagadas de vodca, os camaradas conversaram sobre as possibilidades de convergência entre as perspectivas ocidental e soviética sobre integração. Mitterrand enxergou na ideia de “*Casa Comum Europeia*” algo próximo de suas próprias concepções de um pan-europeísmo. O presidente francês defendia os laços entre a

Comunidade Econômica Europeia (CEE) e o Conselho de Assistência Econômica Mútua (Comecom). Se a URSS prometia acrescentar um “*rosto humano*” ao seu socialismo, por que a Europa não poderia adicionar um pouco de socialismo ao seu velho humanismo? Disse Mitterrand a Gorbachev:

*“Parece-me que, em se tratando de direitos individuais, a prática existente nos países ocidentais parece mais perfeita do que a respectiva prática na União Soviética. Por outro lado, no que concerne aos direitos coletivos, especialmente nos países desenvolvidos industrializados, o Ocidente como um todo*

“ OS GLOBALISTAS DO OCIDENTE DESCOBRIRAM QUE A CENTRALIZAÇÃO COMUNISTA DE PODER E O CAPITALISMO DE COMPADRIO PRATICADO NA URSS ERAM O MELHOR MEIO PARA A CONQUISTA DE MONOPÓLIO



*provavelmente terá de se esforçar muito nessa direção. Refiro-me ao direito ao trabalho, e assim por diante.”*

Estabelecia-se ali uma espécie de pacto tácito entre a Nomenklatura soviética e a social-democracia europeia em torno da proposta de uma convergência para um mundo pós-Guerra Fria. Pode-se dizer que, se as lideranças soviéticas concluíaam que o comunismo precisava do know-how tecnocientífico e econômico do Ocidente, a elite globalista ocidental, por sua vez, fascinara-se com a “*tecnologia*” de controle político-social, bem como de homogeneização das consciências, desenvolvida pelos soviéticos.

Concluiu-se comumente, portanto, pela necessidade de uma síntese entre o dinamismo econômico do capitalismo liberal e a expertise comunista de controle social e imposição de consenso público. Se, como disse González a Gorbachev, os comunistas haviam percebido que a economia de mercado era o melhor meio para avançar a causa socialista, os globalistas do Ocidente descobriram que a centralização comunista de poder e o capitalismo de compadrio praticado na URSS eram o melhor meio para a conquista de monopólio.



# Capítulo 7

## COVID-19 E **A ASCENSÃO** HISTÓRICA DOS GLOBALISTAS



voltar para  
o índice



A ideia de uma síntese entre capitalismo e comunismo – da qual falamos no capítulo anterior – surgira há tempos na mente de Mikhail Gorbachev. É o que conta Anatoly Chernyaev, chanceler soviético no fim da década de 1980. Num dos seus diários pessoais – doados, nos anos 2000, para o Arquivo de Segurança Nacional da George Washington University – Chernyaev escreve: *“Ele [Gorbachev] interpretou a ideia de coexistência como a adaptação mútua entre o capitalismo e o socialismo, não apenas como uma abordagem realista para a política internacional no nível estatal. Isso é algo novo!”*

No contexto dessa “*novidade*” surgida na mente soviética, houve em 1989 um encontro emblemático entre membros da Comissão Trilateral e Gorbachev. Fundada em julho de 1973 pelo bilionário David Rockefeller e o acadêmico Zbigniew Brzezinski (que, mais tarde, viria a ser conselheiro de Segurança Nacional de Jimmy Carter), a Comissão era, formalmente, uma entidade privada. Ao menos, era assim que a apresentavam os seus integrantes, figuras influentes dos mundos político e financeiro dos EUA, Europa e Japão. Seu objetivo era influenciar políticas públicas em todo o mundo, orientando-as segundo a cosmovisão de seus fundadores, que entretinham a utopia de uma nova ordem mundial na qual os Estados-nação abdicassem de sua soberania em favor das decisões “*técnicas e científicas*” tomadas

por “*autoridades especializadas*” (não eleitas) de organizações supranacionais como ONU, Unesco, OCDE e OMS. A ideologia da Comissão havia sido antecipada por Brzezinski em *Between Two Ages: America’s Role in the Technetronic Era*, de 1970, livro no qual o intelectual globalista expunha a sua filosofia positivista–teleológica da história, francamente contrária à ideia de democracia

“DAVID ROCKEFELLER E ZBIGNIEW BRZEZINSKI ENTRETINHAM A UTOPIA DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL NA QUAL OS ESTADOS-NAÇÃO ABDICASSEM DE SUA SOBERANIA EM FAVOR DAS DECISÕES “TÉCNICAS E CIENTÍFICAS” TOMADAS POR “AUTORIDADES ESPECIALIZADAS” (NÃO ELEITAS) DE ORGANIZAÇÕES SUPRANACIONAIS

representativa, e muito próxima da epistocracia proposta por alguns intelectuais globalistas contemporâneos.

Ocorrido em Moscou, do encontro fizeram parte o próprio Rockefeller, fundador da Comissão, o diplomata americano Henry Kissinger, o ex–primeiro–ministro japonês Yasuhiro Nakasone e o ex–presidente francês Valéry Giscard d’Estaing, que discutiram

com o líder soviético projetos para a integração europeia. Parte do conteúdo da conversa está descrito em *EUSSR: the Soviet Roots of European Integration*, livro do dissidente soviético Vladimir Bukovsky, aqui já mencionado. Graças a ele, ficamos sabendo que, a certa altura do encontro, Giscard d’Estaing pediu a palavra e informou o seguinte a Gorbachev:



*“Em nossos dias, a Europa ocidental está vivendo a sua própria perestroika, mudando as suas estruturas. É difícil saber exatamente o que irá se passar daqui a cinco, dez ou vinte anos, mas uma nova forma de Estado federativo irá surgir. É nessa direção que estamos indo; e a União Soviética deve-se preparar para se relacionar com um único grande Estado da Europa Ocidental.”*

Henry Kissinger interveio, mostrando-se muito entusiasmado com a proposta, e insistindo na participação americana. Disse Kissinger a Gorbachev: *“O que você acha de um conceito de uma ‘Europa do Atlântico aos Urais’? (...) Eu e meus colegas da Comissão Trilateral queremos contribuir de modo construtivo para edificar essa Europa, em relação à qual tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos devem desempenhar um papel positivo similar”.*

É importante notar que toda essa conversa aconteceu anos antes, por exemplo, do Tratado de Maastricht (que criou a União Europeia), do Tratado de Amsterdã, do Tratado de Nice e da própria Constituição europeia. Portanto, Gorbachev e seus parceiros da Comissão Trilateral não estavam apenas discutindo ideias, de modo abstrato, mas formulando um ambicioso plano geopolítico, plano que, dali a pouco tempo, seria efetivamente implementado. Uma das metas traçadas no encontro foi, justamente, o projeto pan-europeísta que Gorbachev chamava de *“Casa Comum Europeia”*,



e que, para todos os envolvidos, deveria servir como uma primeira experiência em governo mundial.

Como disse certa vez Pascal Lamy, ex-diretor-geral da OMC e ex-presidente da Comissão Europeia:

*“Dentre tantas tentativas de integração regional, a UE permanece sendo o laboratório da governança internacional – o lugar onde a nova fronteira tecnológica da governança internacional está sendo testada”.*

Outras conversas de bastidores são mencionadas no livro de Bukovsky. Numa delas, os interlocutores falam abertamente daquilo que, no Brasil, jornalistas semialfabetizados insistem em tratar como teoria da conspiração: a ideia de governo mundial. Em 25 de outubro de 1990, por exemplo, Gorbachev encontrou-se em Buenos Aires com Carlos Menem, então presidente da Argentina. Deu-se entre os dois o seguinte diálogo:

**Gorbachev** – *“Temos de ir além. O progresso futuro dependerá de ações na Europa, na América Latina, na Ásia e no Pacífico. Depois de construída a Casa Europeia, novas casas comuns devem surgir.”*

**Menem** – *“Sobre a integração, creio que todos concordam. Nós da América Latina pretendemos agir na mesma linha da Europa. Em geral, a humanidade não tem outra opção, e então, depois da integração, concentraremos esforços na conquista do universo.”*

**Gorbachev** – *“Um dos meus assessores escreveu há algum tempo que precisaríamos criar um governo mundial. Houve na época quem risse, mas, agora?”*

**Menem** – *“Há cerca de 40 anos, Perón falava em continentalismo, o que nos permitiria partir para o governo mundial.”*

**Gorbachev** – *“Penso que devemos reforçar o papel da ONU. Por 40 anos ela não pôde realizar o seu potencial, mas hoje temos a oportunidade. Eis aqui, para você, o protótipo de governo mundial.”*

Ao mesmo tempo em que conduzia essas conversas íntimas e definidoras, em público Gorbachev construía a Perestroika e desconstruía a antiga *“imagem do inimigo”*. A estratégia ia de vento em popa. Falando para o exterior, a velha raposa russa recorria a um vocabulário globalista novo em folha. Falando para os seus camaradas, todavia, continuava fiel ao pragmatismo leninista.

A importância do legado leninista foi, aliás, sempre reafirmada. Gorbachev admirava sobremaneira a capacidade do camarada Ulianov de não se aferrar a dogmas marxistas. Como registra Chernyaev em seu diário: *“[Gorbachev] via a principal virtude de Lenin no fato de estar pronto para desconsiderar qualquer dogma pelo bem da missão, pelo bem da revolução real, concreta”*. Em Perestroika, Gorbachev escrevera:

*“[Lenin] via que o socialismo iria se defrontar com problemas colossais, e que deveria resolver toda sorte de dificuldades que a revolução burguesa havia deixado sem solução. Daí sua utilização de métodos que não parecem intrinsecamente socialistas ou que, ao menos,*



*se afastam em certa medida dos conceitos clássicos do desenvolvimento socialista, tais como geralmente aceitos (...) [Lenin] possuía o raro talento de sentir, no momento certo, a necessidade de mudanças profundas, de um reexame dos valores, de uma revisão das diretivas teóricas e dos slogans políticos.”*

Sobre a Perestroika, Gorbachev admite abertamente ter se inspirado na Nova Política Econômica (NEP), lançada por Lenin em 1921, quando a Rússia estava na iminência de um

colapso econômico e social, do qual foi salva graças à benevolência do Ocidente. Com a NEP, Lenin foi pioneiro no uso da tática de desinformação que consiste em aparentar fragilidade aos olhos do Ocidente, simulando uma

abertura e uma transformação interna do regime.

Gorbachev nunca desistiu de seu projeto globalista particular. Em artigo recente na revista Time, por exemplo, insiste em falar de integração e, sobretudo, de desarmamento – que, como vimos, é requisito fundamental para todo projeto de “*governança global*”. Ao nível internacional, os exércitos das nações devem ser desarmados. Ao nível infranacional, as polícias devem ser

“ ASSIM COMO OUTROS GLOBALISTAS, GORBACHEV APROVEITA-SE DA COVID-19, PARA, MAIS UMA VEZ, REFORÇAR A SUA AGENDA DE “INTEGRAÇÃO”

enfraquecidas. E, tanto num quanto no outro, as lideranças globalistas defendem que o orçamento militar seja drasticamente reduzido (não é por acaso que alguém como George Soros invista tão pesadamente na agenda desarmamentista e antipolícia).

Assim como outros globalistas, o líder comunista aproveita-se da Covid-19, para, mais uma vez, reforçar a sua agenda de “*integração*”. Segundo ele, o mundo pós-pandemia será totalmente

diferente, ainda mais interdependente, e no qual as velhas noções de soberania deverão ser abandonadas. Para Gorbachev, além de uma unificação geopolítica, o mundo precisa desenvolver uma espiritualidade universal,

pretensamente ecumênica, e de sabor panteísta. Seguindo a linha gramsciana, a ideia é que o futuro governo mundial seja antecedido e preparado, consensualmente, por aquilo que Eduard Shevardnadze chamou de uma revolução global nos espíritos.

Ideias semelhantes foram expressas numa publicação recente do Fórum Econômico Mundial (FEM) intitulada Covid-19: The Great Reset, de

“COM A PANDEMIA DE TOTALITARISMO A QUE ESTAMOS ASSISTINDO EM TODO O MUNDO, A “NOVA CIVILIZAÇÃO” ACALENTADA PELOS GLOBALISTAS INICIA A SUA ASCENSÃO HISTÓRICA



Klaus Schwab e Thierry Malleret, cujo conteúdo é fortemente antissoberanista e, em larga medida, anticapitalista, com críticas voltadas especialmente aos EUA. *“Crises existenciais [como a da Covid-19] também favorecem a introspecção, e podem suscitar o potencial para a transformação”* – escrevem os autores. *“As fissuras no mundo contemporâneo – mais notadamente, as divisões sociais, a carência de justiça social, a ausência de cooperação, o fracasso na liderança e na governança globais – foram expostas como nunca antes, e as pessoas sentem que chegou o tempo de se reinventar. Um novo mundo emergirá, cujos contornos são difíceis de imaginar e esboçar (...) O mundo que conhecíamos nos primeiros meses de 2020 desapareceu por completo, dissolvido no contexto da pandemia”*.

Mais uma vez atestando a convergência entre comunismo e globalismo, o marxista esloveno Slavoj Žižek segue a mesma linha, apenas afirmando direta e contundentemente aquilo que, empregando a tradicional *langue du bois* diplomática, os globalistas do FEM apenas insinuam: que a Covid-19 oferece uma chance de refazer toda a ordem mundial em parâmetros socialistas, com o poder extremamente centralizado nas grandes organizações internacionais.

Em suma: ao fim da vida, *“o camarada ordinário de Stavropol”* (como Chernyaev chamava Gorbachev) parece mais perto de realizar o seu sonho – aliás, o mesmo do camarada Ulianov, e de companheiros

de viagem como Rockefeller, Soros, Schwab e que tais. Com a pandemia de totalitarismo a que estamos assistindo em todo o mundo, a “*nova civilização*” acalentada pelos globalistas inicia a sua ascensão histórica. O recrudescimento do ataque às soberanias nacionais (representado, por exemplo, pela campanha internacional orquestrada contra líderes políticos soberanistas), o desprezo “*iluminista*” por valores culturais tradicionais tidos por “*obscurantistas*”, a coletivização de cada aspecto da existência humana, a supressão das liberdades individuais, a obliteração dos fundamentos religiosos de nossa civilização, o desenvolvimento – via terrorismo psicológico em ampla escala – de uma mentalidade global uniforme (o “*consenso*”, a “*ciência*”, o “*bem comum*”) e as reiteradas propostas de redação de uma Constituição mundial, tudo isso, enfim, aponta para um mundo pós-pandemia bem parecido com aquilo que os soviéticos projetaram ainda em fins dos anos 1950. Assim, é plausível especular que, nos anos vindouros, a humanidade sofra com novas cepas desse oportuno “problema global”, para o qual, utilizando as organizações internacionais como plataforma, e os monopolistas do Ocidente como aliados, os camaradas contemporâneos – com a China na vanguarda – pretendem vender a solução.



# GAZETA DO POVO

**Assinantes da gazeta** tem  
acesso ao conteúdo de notícias  
como estas **na íntegra!**

**EU QUERO**